

TRADIÇÃO XUCURU-KARIRI: EXPRESSÕES DE IDENTIDADE E FRONTEIRAS ÉTNICAS

Vinícius Alves de Mendonça¹
ST06 - História, Cultura e Identidade

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar os processos de expressão de significados identitários do povo Xucuru-Kariri, da aldeia Mata da Cafurna, no município de Palmeira dos Índios, apresentando algumas das formas de expressão visual daquele grupo, considerando as fronteiras étnicas relacionadas a identidade do grupo e ancoradas na tradição cultural e no processo de afirmação; para isso, realizamos um estudo dos conceitos de tradição, identidade, fronteira e expressão. Teoricamente, o estudo é baseado em autores como Oliveira (2004); Arruti (2006); Peixoto (2015); Teixeira (2014) e Hall (2006). A pesquisa vem se materializando através do confronto entre a bibliografia e a pesquisa de campo realizada na referida aldeia, juntamente com a coleta de relatos orais com quatro lideranças da comunidade e três moradores do município, de forma a proporcionar através do contraste uma descrição da identidade Xucuru-Kariri.

Palavras-chave: Indígenas. Relação. Sociedade

Considerações iniciais: lugar, objeto e metodologia

A região Nordeste tem, em seu histórico, os mais antigos registros de contato entre europeus e nativos nos territórios que seguidamente vieram a ser colonizados. Devido a sua faixa de terra litorânea e a proximidade dos grupos nativos à porta de entrada para os colonizadores, houve o choque cultural e ocorreram processos de imposição de crenças, costumes e uma nova organização social externa a dos nativos. Consequentemente, esse processo histórico determinado pela mistura e o contexto intersocietário perpassa a história dos índios do Nordeste.

Dentre os atuais nove estados localizados na região encontra-se o estado de Alagoas com 13 etnias² indígenas reconhecidas em seu território, desmontando um ideal de etnocídio no processo de mistura, anteriormente descrito. Entre essa diversidade étnica encontram-se os Xucuru-Kariri, povo indígena marcado pelas lutas territoriais, expressão política conquistada

¹Graduando em História, na Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, Campus III. Membro do Grupo de Pesquisa em História Indígena de Alagoas – GPHIAL. E-mail: viniciusalvesmendonca@hotmail.com
Orientador: José Adelson Lopes Peixoto – E-mail: adelsonlopes@uneal.edu.br

² São reconhecidas etnias indígenas, em território alagoano os povos: Xucuru-Kariri, Kariri-Xocó, Kaxagó, Karapotó Plank-ô, Karapotó Terra Nova, Aconã, Tingui-Botó, Wassu Cocal, Kalankó, Koiupanká, Karuazu, Katokinn, Jiripankó e Pankararu.

nas causas indígenas e indigenistas, a nível Nacional e internacional, e pela sua tradicionalidade, esses formados segundo o processo de diáspora³ de grupos indígenas Xucuru, vindos da região onde está localizado o atual município de Pesqueira no estado de Pernambuco, e indígenas Kariri, oriundos das margens do Rio Opara, na divisa de Alagoas com Sergipe.

Desse processo forma-se a etnia na qual os indivíduos estiveram entre os primeiros habitantes do município de Palmeira dos índios, localizado a 135 km da capital do estado – Maceió. Apesar do envolvimento na história do município o povo indígena Xucuru-Kariri, atualmente, habita não somente as regiões periféricas em torno da área urbana da cidade, divididos em nove aldeias reconhecidas⁴, mas, também, a periferia dos assuntos envolvendo a cultura da região, de forma que sua relevância para a formação do município e do estado de Alagoas é posta em questão por alguns ou considerada irrelevante por outros, em paradoxo a expressão conquistada pelo grupo em situações específicas⁵.

Esta pesquisa vem sendo realizada com membros da aldeia Mata da Cafurna⁶, localizada a 6 km da área urbana do município, resultada de um processo de retomada territorial do grupo no ano de 1979. Assim, ao longo deste trabalho ao utilizar o termo de descrição do etnônimo “Xucuru-Kariri” é referido apenas a informações desta comunidade, uma vez que a diversidade cultural, falas e interpretações são vastas entre as aldeias, evitando, portanto, generalizações de conceitos ou termos.

Existindo algumas especificidades do grupo étnico, estudado neste trabalho, com necessidade de apresentação, como as recepções de indivíduos vindos de fora da comunidade, realizadas em geral de forma saudosa sendo comum a realização do Toré por opção do grupo, com seus membros paramentados com cocares emplumados e evidente pintura corporal, ou recepções sem manifestações explicitamente culturais, contrastando nesse caso com o

³ Processo de migrações territoriais, realizados por comunidades indígenas, causados em sua maioria pelas colonizações de seus antigos territórios tradicionais, exploração de mão de obra e tensões nas relações entre não-índios e indígenas.

⁴ São reconhecidas Xucuru-Kariri, em território palmeirense as aldeias: Fazenda Canto, Mata da Cafurna, Capela, Amaro, Boqueirão, Cafurna de Baixo, Riacho Fundo, Coité, e Jarra sendo a comunidade denominada Vista Alegre não reconhecida legalmente nem por seus pares.

⁵ Situações em sua maioria folclóricas e voltadas para o meio turístico, essa serão melhor especificadas no decorrer do trabalho.

⁶ Visita realizada, para o desenvolvimento deste trabalho, no dia 11. 10. 2017, além do acompanhamento de reunião com as demais lideranças Xucuru-Kariri ocorrida no dia 18. 10. 2017.

protagonismo do artesanato notavelmente presente na aldeia e na vida de parte dos indivíduos membros do grupo gerando fonte de renda.

A bibliografia que cita os Xucuru-Kariri é amplamente divulgada, em questões turísticas e no sentido folclórico de formação do município, existindo alguns casos de conflito com as pesquisas acadêmicas publicadas sobre o grupo. Tais conflitos ideológicos são frequentes, sendo na maioria dos casos formados por índios e simpatizantes da causa indígena contra portadores de discursos pejorativos sobre o grupo, em parte relacionados à demarcação territorial e principalmente colocando a identidade do grupo em questão.

Devido à variedade de discursos relacionados à identidade indígena Xucuru-Kariri, esta pesquisa transita entre o externo e o interno a comunidade, tendo as coletas de relatos com as quatro lideranças da aldeia Mata da Cafurna e com os três personagens não-indígenas, externos a aldeia, desenvolvido um papel determinante nas possíveis conclusões obtidas neste trabalho.

Os conflitos ideológicos entre índios e não-índios em sua maioria são constituídos pelos indígenas e pessoas públicas da região – fato comum, visto que tais indivíduos públicos e influentes controlam os meios de comunicação do município –, contudo, os demais comentários presentes na oralidade de parte dos moradores sobre o questionamento da identidade estão relacionados à identificação errônea das demarcações de expressão de identidade do grupo, uma vez que, correlacionam à identidade a algo fixo e visualmente explícito resumido aos ornamentos emplumados, por esses, em alguns casos específicos, estarem presentes em apresentações públicas ou a uma tradição estática e demarcada por limites imaleáveis e intransmutáveis.

Identidade: entre fronteiras e limites

Os conceitos de fronteira e limite, normalmente aplicados, unicamente, com o mesmo significado⁷, neste trabalho encontram-se amplamente utilizados com significados distintos. Compreendendo pelo conceito de fronteira o marco de identidade interno, desenvolvido pelos indivíduos pertencentes ao grupo, moldável e adaptável, e, secundamente, o conceito de limite como marco buscado pela sociedade envolvente através de algo fixo,

⁷ Utilizados geralmente como sinônimos em questões relacionadas a extensões espaciais ou território, neste trabalho tais conceitos são aplicados no contexto cultural e identitário, tendo seus significados mais profundamente avaliados.

explícito e imutável. Sendo, grosso modo, a definição dos conceitos como, a fronteira adaptável ao indivíduo e suas necessidades e no caso do limite o indivíduo tende a adaptar-se a sua marcação fixa.

A problemática da mobilidade das fronteiras e do estereótipo gerado pelos limites, impostos pela sociedade envolvente, é notável, uma vez que ambos possuem diferenças, mas não são antagônicos, parecem articular-se frente à necessidade da busca por uma verdade proeminente de um ponto imóvel dentro do sistema de relações (FOUCAULT, 1979). Uma verdade relacionada à identidade Xucuru-Kariri e a busca por algo que demarque e os defina explicitamente como indígenas. Sendo ambos os conceitos amplamente dependentes da interpretação seja interna a comunidade ou externa. O uso dos limites étnicos como forma de exclusão sobre o que não se adequa a sua marcação fixa, apesar de declaradamente ser utilizado pela sociedade envolvente, é também recorrente dentro da etnia, porém com demarcações diferentes, entre a sociedade envolvente pelo estereótipo do indígena nu e ornamentado e no caso entre os Xucuru-Kariri em algumas situações pelo laço sanguíneo de parentesco.

A questão da análise sobre o exposto e o interpretado é encontrada no contexto patrimonial e arquitetônico do município – e em seu nome Palmeira dos Índios –, uma vez que é exposto por esses limites, e outros variados como estatuas e o famoso romance entre indígenas e a formação da cidade⁸, uma identidade indígena conflituosa. Pois os Xucuru-Kariri não se encontram representados nesses limites identitários, ocorrendo entre o grupo étnico, por sua vez, a produção de significados fronteiriços de identidade não decodificados pela população, gerando um conflito de marcos identitários, entre o fixo e adaptável, desembocando nos questionamentos anteriormente apresentados sobre a identidade indígena do grupo.

Os ideais, pejorativos, relacionados à identidade étnica dos Xucuru-Kariri estão sustentados na ideia comparativa entre culturas e apoiados no discurso que os indígenas da região devido à terem perdido seus elementos próprios ritualísticos (SILVA JÚNIOR, 2007); entre essas perdas se enquadram o suposto uso diário e contínuo das plumagens como o cocá,

⁸ Romance originário da lenda onde é narrado que há muitos anos um índio chamado Tilixi era apaixonado pela prima chamada Tixiliá. No entanto, esse amor era proibido, uma vez que, ela estava prometida ao cacique Etafé. Durante uma festa de celebração da colheita, Tilixi se aproximou de Tixiliá e lhe deu um beijo. Como castigo, ele foi condenado à morte por inanição. Tixiliá, proibida de ver seu amado, foi ao seu encontro, porém foi flagrada por Etafé que a atingiu mortalmente por uma flecha. Tixiliá morreu junto a Tilixi e no lugar onde morreram nasceu, após certo tempo, uma formosa palmeira. Dessa narrativa originou-se o nome da cidade.

pulseiras, colares enfeitados por penas e os variados costumes descritos pela sociedade envolvente como “legítimos de povos indígenas”.

A legitimidade atribuída a estes costumes remonta ao passado durante os primeiros contatos, em terras brasileiras, entre europeus e nativos. Naquele período sinais como as ornamentações emplumadas e demais objetos tinham significados atribuídos ao exótico, sendo juntamente relacionados às comunidades nativas e a uma tentativa de encobrir a nudez dos indígenas no período de catequese jesuítica (MOREAU, 2003), enraizando ideais de indígenas nus e ornamentados nas bibliografias sobre o período, transmitindo esta imagem estereotipada ao longo dos séculos.

No contexto mais recente, a partir dos primeiros anos do século XXI, esses ornamentos, como o cocá e demais instrumentos, que não foram suficientemente avaliados pela população envolvente como fatores identitários ou não, são relacionados à afirmação dos Xucuru-Kariri e demais indígenas da região Nordeste como grupos fora do processo e assimilação⁹, contudo alguns destes paramentos, considerados diacríticos de etnicidade, pela sociedade envolvente, têm seus significados transfigurados seja por opção do grupo ou por necessidade, como o maracá transfigurado em caixas de fósforo durante a marcação do ritmo do Toré (SILVA JÚNIOR, 2007). Neste caso o maracá, normalmente utilizado entre os Xucuru-Kariri, encontra seu significado transfigurado para as caixas de fósforos e visivelmente ausente durante o período histórico que essa tática foi necessária¹⁰.

A ausência desses sinais explícitos expressivos e a capacidade do grupo étnico em transfigurar significados, como descrita anteriormente, demonstram objetos e tradicionalidade passíveis de mobilidade, e conseqüentemente, com significados adaptáveis, mostrando a forma e

(...) enfatizar que apenas por estarem em constante movimento, sendo sempre recriados, é que os significados e as formas significativas podiam tornar-se duradouros. Levar o processo a sério quer dizer também manter as pessoas nesse quadro. E, para manter a cultura em movimento, as pessoas, enquanto atores e redes de atores, têm de inventar cultura, refletir sobre ela, fazer experiências com ela, recordá-la (ou armazená-la de alguma outra maneira), discuti-la e transmiti-la (HANNERZ, 1997, p. 5-6).

⁹ Termo utilizado para descrever o processo no qual os grupos indígenas da região Nordeste devido ao seu nível de contato social e proximidade geográfica com a sociedade envolvente estariam submetidos.

¹⁰ Período marcado pelo governo militar e durante o silêncio oficial (ver SILVA JÚNIOR, 2007).

Os Xucuru-Kariri encontram formas de transmitir sua cultura e adaptá-la ao contexto contemporâneo, garantindo a continuidade do etnônimo, gerando fronteiras étnicas. Os processos de transição de sentidos entre os indivíduos internos à comunidade indígena proporcionam diversificadas formas de interpretação, havendo casos de desencontros com as expressões esperadas pela sociedade envolvente, gerando os comentários pejorativos relacionados aos Xucuru-Kariri. Comentários como este descrito por um membro da classe proprietária de terras¹¹ “Não são índio, são todos preguiçosos, ladrões de terra, nem são índio mais, índio é no mato esses vive tudo aqui na cidade, se veste até melhor que a gente”.

Tais afirmações são o resultado de uma análise sobre Xucuru-Kariri e os demais indígenas da região Nordeste focada no que foram séculos ou supostamente tenham sido (OLIVEIRA, 2004). As interpretações com adaptações sobre a tradição são comumente realizadas pelos grupos que foram considerados como caboclos, que através do processo de etnogênese, desenvolvido pela auto atribuição de rótulos (ARRUTI, 2006) afirmaram-se fora do processo de assimilação. A autoatribuição de rótulos demonstra, novamente, a íntima relação, apesar das diferenças, entre os conceitos de fronteira e limite, pois o rótulo autoatribuído é uma fronteira que se adaptou a um grupo específico, demarcando este fixamente como etnia indígena, contudo passível de transformações, assim,

(...) Ao usar o termo etnogênese, portanto, estou me referindo de um modo abrangente ao processo de emergência histórica de uma fronteira socialmente efetiva entre coletividades, distinguindo-as e organizando a interação entre os sujeitos sociais que se reconhecem – e são reconhecidos – como a eles pertencentes (BARRETTO FILHO, 2004, p. 94-95).

A fronteira construída pelo processo de etnogênese distingue, classifica e garante o pertencimento do indivíduo ao etnônimo, contudo ao apresentar marcos e distinguir o indivíduo, não se aplica o conceito de “diferente” como separação ou desenvolvimento de “pólos humanos antagônicos”, uma vez que a homogeneidade é amplamente buscada pela sociedade brasileira, não obstante a diferença se encontra em todos os indivíduos índios e não-índios.

Os Xucuru-Kariri encontram-se diferentes dos não-índios pela identidade, mas unidos e iguais, de forma que a etnicidade não os afasta do conceito de humano (HERBETA,

¹¹ Dialogo realizado no dia 20. 10 2017 com o objetivo de analisara identidade Xucuru-Kariri através do contraste com opiniões externas ao grupo étnico.

2011). A junção entre ambos os grupos em alguns conceitos apresenta a forma na qual as fronteiras étnicas desenvolvidas encontram-se constantemente no processo de mobilidade, sendo essas passíveis de serem atravessadas pelos indivíduos e permanecerem na interpretação particular de outros membros do grupo, assim, a mistura de interpretações e alguns padrões semelhantes nessas, desenvolvem o processo de afirmação étnica e mantém a identidade.

Materialização das fronteiras e consequências

Os comentários insultuosos presentes na fala de alguns não-índios, mas também, formalmente sem evidências depreciativas, presentes nas manifestações e divulgações públicas do governo em relação aos indígenas de região Nordeste, desenvolvem no grupo princípios e ações de militância em busca de direitos. O processo de militar pela causa centraliza o Estado em buscas por expressões de identidade entre o grupo, gerando

Princípios que vêm cada vez mais fortalecendo o grupo sócio cultural, espiritual e politicamente frente à sociedade local e à FUNAI, que demandam destes sujeitos em processo de resistência étnica elementos formais, isto é, concretos de sua identidade étnica (AMORIM, 2012, p. 3-4).

A busca pelo fortalecimento da identidade por parte do Estado gera dentro do grupo tentativas de desenvolver limites étnicos explícitos que os afirmem como distintos da população envolvente. Contudo existe a problemática pela definição dos demarcatórios desses limites, uma vez que a identidade se estende além dos limites étnicos buscados pelo Estado, essa surge do sistema de relações interpretativas entre os indivíduos pertencentes ao grupo, sem um ponto único ou fixo que a defina. A possível definição ocorre, unicamente, através da interpretação específica dos Xucuru-Kariri sobre sua tradição milenar.

A interpretação exerce um papel inquestionavelmente importante na formação ou manutenção da identidade, pois a tradição por sua conta, sem a interferência do membro da comunidade Xucuru-Kariri, produz apenas limites étnicos resumidamente simples, como o maracá ou a pintura corporal. Contudo o valor ritualístico e identitário presente na pintura ou no maracá como descrito pelo ex Pajé¹², da aldeia Mata da Cafurna, Lenoir Tibiriça ao referir-

¹² Relato proveniente de diálogo realizado no dia 11. 10. 2017 em visita a aldeia Mata da Cafurna.

se como “(...) Não, tem desenho que a gente só pode usa lá (Ouricuri), que não pode ser usada aqui (artesanato)”. Demonstra o valor e a interdição do uso sobre a forma do desenho específico do ritual é originária não do desenho enquanto traço de pintura, mas na capacidade dos Xucuru-Kariri em interpretar e desenvolver um significado religioso sobre o traço realizado no ritual.

A identidade se encontra de forma maior no indivíduo enquanto agente interpretativo sobre os significados da tradição do que em marcos fixos, sejam externos ou internos. O Ouricuri¹³ sendo uma forma de materialização da tradição, esse gera limites e os indivíduos produzem as fronteiras. A afirmação étnica gerada pelo ritual depende amplamente do membro do grupo, desenvolvendo uma relação de dependência, conseqüentemente, perpetuando o etnonimo ao longo das gerações.

Assim, a interpretação externa sobre a identidade Xucuru-Kariri sofre interferências das posições do Estado, que em busca por limites externos e materiais, desenvolvendo perdas de percepção de significados na interpretação dos não-índios, mesmo que atualmente a identificação da identidade indígena dependa apenas dos membros da comunidade e de seus pares já reconhecidos, contudo, existe ainda uma dependência dos indígenas sobre o cumprimento de seus direitos por parte do Estado, desenvolvendo situações onde os limites buscados pelo Estado não são devidamente apresentados desenvolvendo casos de auxílio apenas assistencial de forma esporádica (RIBEIRO, 2010), onde deveria ocorrer o devido cumprimento de direitos indígenas.

Não cabendo ao órgão indigenista o reconhecimento da etnicidade do grupo indígena. O esforço de afirmação étnica é voltado para os membros das comunidades indígenas, gerando a autoafirmação. Contudo, os olhares, discursos e manifestações de comentários do Estado, da sociedade envolvente e de alguns pesquisadores são efetuados na tentativa do encontro de limites étnicos exteriores ao convívio interno da comunidade e impostos por eles enquanto indivíduos externos, como descrito anteriormente na questão da efetivação dos direitos indígenas, pois “por um lado, o reconhecimento da autodefinição como suficiente para marcar as fronteiras étnicas, e, por outro, uma necessidade (...) em identificar sinais diacríticos de indianidade.”(TEIXEIRA, 2014, p. 5). Os processos de afirmação, por si só, garantem a presença das fronteiras dentro da etnia mantendo presente na oralidade dessas suas relações com o passado e garantindo subsídios para contrapor as afirmações da sociedade envolvente sobre inexistência da identidade indígena dentro do grupo.

¹³ Ritual religioso, fechado, denominado de Ouricuri.

A relação entre a aldeia Mata da Cafurna e a sociedade a sua volta é pautada através da expressão de identidade por parte grupo indígena, com a intenção de manter sua autoafirmação ligado-se de forma especial com sua tradição e por parte da sociedade em volta uma tentativa de procurar nessa identidade indígena elementos demarcatórios que expressem uma etnicidade imaginada. Esta identidade que dentro das fronteiras ou limites étnicos, presentes no ambiente interno do grupo, ou em parte apresentadas ao externo, porém não decodificadas, é válida para o pertencimento e identificação. Sendo expressa através do sentido de seus rituais, caso que ocorre entre os Xucuru-Kariri, pois o

Ritual, ponto alto da religiosidade indígena do agreste alagoano, é tido nas aldeias como a principal atividade que congrega aquele povo e estabelece elos com o sagrado, com as suas divindades denominadas de encantados, é também elemento importantíssimo na identidade étnica pelo fato de ser um dos poucos elementos intocados pelo colonizador no passado e pela sociedade envolvente, no presente. (PEIXOTO, 2005, p. 02)

A relação entre o índio e seu sagrado é a forma de conectar-se com a tradição, este contato refere-se ao presente e a relação desenvolvida com o passado coletivo encontrado na tradição e memória do grupo (HALBWACHS, 1990), consequentemente afirmando-se. Os Xucuru-Kariri, da Mata da Cafurna, detêm o argumento que seu ritual denominado Ouricuri e a sua relação com os Encantados¹⁴, assim como o fato da evidente restrição da participação do não-índio no ritual de contato sagrado, produzem seu pertencimento ao etnônimo.

A tradição exerce um papel determinante dentro e fora do grupo, assim ao referir à afirmação de identidade é expresso através de um “(...) processo de formação, manutenção e dinâmica de uma fronteira socialmente efetiva e uma identidade categórica.” (BARRETO FILHO, 2004, p. 94). A identidade Xucuru-Kariri encontra-se em uma fronteira étnica interna desenvolvida e mantida pelo contato com o sentido da tradição delimitando os espaços onde é permitido o contato e circulação do não-índio e onde pelas fronteiras levantadas esse não é permitido circular.

Visivelmente a restrição de contato é simplesmente física e palpável, caracterizada como limite étnico, mas após a análise, retratada neste trabalho, encontra-se o fato da restrição encontrar-se não unicamente em espaços específicos, mas no espaço dos sentidos e das interpretações sobre a tradição, uma fronteira étnica. A interpretação sobre a aura (BEJAMIN, 1992) do local terreno, Ouricuri ou o terreiro, é o marco mais intenso da identidade do grupo,

¹⁴ Divindades do universo cosmológico dos indígenas da região Nordeste.

uma vez que essa aura é composta por significados. Afirmando a identidade através deste contato interpretativo específico com a tradicionalidade e religiosidade.

Conexões com a tradição e formação das fronteiras

O processo de viagem da volta (OLIVEIRA, 2004) é um encontro coma tradição e o passado do grupo, contudo tal encontro é baseado além das lembranças do passado como lembranças distantes, mas voltado para o processo de transformação de “uma etnia em si a uma etnia para si” (ARRUTI, 2006, p. 19); assim, o grupo encontra-se longe de ideais voltados para o que os antepassados foram e o que restou e próximo do que o grupo é e o que os mantém ligados com esses.

A transmissão dos sentidos e significados entre os Xucuru-Kariri garante uma ancora na tradição uma vez que as “Religiões, atitudes políticas (...) levam com elas dimensões temporais que são igualmente projeções para o passado ou para o futuro, e que respondem aos dinamismos mais ou menos intensos e acentuados dos grupos humanos (...)” (HALBWACHS, 1990, p.7). A identidade basea-se na relação com o Ouricuri, nos significados por esse transmitidos ao longo do tempo e no dinamismo da interpretação dos indivíduos e não simplesmente nos ornamentos, a interpretação sobre sua tradição garante uma identificação entre a polifonia de significados dentro e fora da aldeia.

A forma pela qual os Xucuru-Kariri expressam sua identidade é notavelmente formada pela sua ligação com o sagrado, sendo facultativo entre os membros do grupo o uso de ornamentos e objetos específicos, como cocares, arcos e flechas, e demais instrumentos enfeitados em sua maioria por penas extravagantes, essa escolha em ornamentar-se ou não ocorre inclusive entre o principal representante religioso tradicional da Mata da Cafurna, o Pajé, mesmo que

Em certas etnias, ele usa como distintivo de seu status um bastão de madeira com cabeça de animal, em outras, é comum que o seu cocá de penas sobre a cabeça seja mais colorido e exuberante que os dos demais. Há ainda, como é o caso dos Xucuru-Kariri, aqueles que preferem não ostentar o poder que a pajelança lhe confere, sendo respeitado apenas pelo conhecimento que possui (PEIXOTO, 2015, p. 10).

A “expressão da pajelança” é baseada no respeito que o Pajé possui dentro do grupo, contudo, uma vez que o esse foge, por sua escolha, ao padrão de representante religioso indígena ornamentado exuberantemente, na concepção comparativa de parte da sociedade

leiga em torno, sua identidade é posta em “dúvida”, uma vez que a sociedade não-indígena não compreende a forma de circulação de sentidos e a fronteira étnica identitária utilizada. Sendo que pouco do exótico é encontrado no representante Xucuru-Kariri.

A problemática da busca pelo indígena exótico, nu e ornamentado é recorrente, causando infortúnios aos Xucuru-Kariri, pois assim como o Pajé alguns membros da comunidade abrem mão de ornamentar-se publicamente. Preferindo apresentar-se a sociedade envolvente e circular dentro da comunidade indígena apenas com roupas comuns, de forma a se assemelhar ao não-índio. Uma vez que na região Nordeste os grupos indígenas não mantiveram sinais estéticos para lhes conferir semelhanças com descrições enraizadas nas falas populares, como um cabelo característico e tom de pele específico, pois

Os povos indígenas hoje estão tão distantes de culturas neolíticas pré-colombianas quanto os brasileiros atuais da sociedade portuguesa do século XV, ainda que possam existir, nos dois casos, pontos de continuidade que precisariam ser melhor examinados e diferencialmente avaliados. (OLIVEIRA, 2004, p. 39)

As ornamentações, como o cocá, não são os elementos de continuidade do passado no presente, no caso dos Xucuru-Kariri, portanto, não são a única forma de expressão de identidade do grupo, tão pouco são indispensáveis, mesmo sendo objetos mantidos pela tradição do grupo, como o maracá, são identitários não enquanto físico (palpável), mas enquanto o significado que transmite, através da tradição religiosa e a quem interpreta. O sentido de identidade Xucuru-Kariri pode ser emanado de outra forma, ou mesmo sem o objeto, dependendo da necessidade ou opção do grupo, sem haver uma perda de sentidos ou descentralização da identidade (HALL, 2006) na adaptação, gerando a fronteira étnica.

A identidade do grupo não se resume a “um todo unificado e bem delimitado” (HALL, 2006, p.4), esta é passível de mudanças e tem suas fronteiras originárias da relação entre os membros do grupo, sendo móveis e adaptáveis. A conexão com a tradição é uma parte do sistema de relações que expressão a identidade do grupo. Os demais complementos são originários da dependência sobre a interpretação do particular – indivíduo membro da etnia – sobre o coletivo – tradição –.

Considerações finais: Tradição, fronteira e identidade

A relação entre índios e não-índios é notavelmente presente no passado e atualidade. A inexistência de contato entre ambos os grupos é inaplicável às comunidades indígenas da região Nordeste, uma vez que, não se tratam de coletividades isoladas por questões geográficas ou sociais. Os Xucuru-Kariri, da Mata da Cafurna, mantém relações com a sociedade palmeirense ocorrendo constantes trocas de significados entre ambos os lados. A mobilidade dos significados não interfere no resultado final de identidade do grupo étnico, a menos que afete de forma depreciativa a tradição do grupo.

O conceito de limite étnico utilizado neste trabalho não é obsoleto ou errôneo se comparado com a fronteira étnica, pois como descrito anteriormente, ambos estão interligados e mantêm uma relação de dependência, uma vez que a fronteira gerada pela interpretação do indivíduo depende do limite gerado pela tradicionalidade religiosa do grupo. A problemática encontra-se na demarcação dos limites considerados identitários pela sociedade envolvente e no conflito entre ambos, os limites internos tradicionais e os externos.

A identidade Xucuru-Kariri encontra-se, por tanto, no membro do grupo que interpreta a expressão realizada pela tradicionalidade e conseqüentemente afirma-se, precisando os significados, móveis e adaptáveis dessa fronteira étnica levantada pelo grupo, serem melhor avaliados antes de uma tentativa de catalogação, considerando a sua mobilidade como vantagem no seu sistema de dependência com o limite étnico. Sendo a identidade relacionada ao complexo sistema relacional entre indivíduos representada pela tradição, interpretação sobre e a formação das fronteiras dos limites tradicionais internos do grupo e conseqüentemente, após esse processo, sua expressão de identidade.

Referências

AMORIM, Silóé Soares de. Crônicas etnográficas dos rituais de pagamento de promessas Koiupanká, Karuazu, Katokinn e Kalankó, In: **Espaço Ameríndio**. Porto Alegre, v. 6, n.1, jan/jun. 2012. p. 140-162.

ARRUTI, José Maurício PA. Produção da alteridade: O Toré e as conversões missionárias e indígenas. In: MONTEIRO, Paula (org). **Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural**. São Paulo: Globo, 2006. p. 381-426.

BARRETTO FILHO, Henyo Trindade. Invenção ou renascimento? Gênese de uma sociedade indígena contemporânea no Nordeste, In: OLIVEIRA, João Pacheco (org) **A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena**. 2 ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, Livraria/ LACED, 2004 p. 93-137.

BEJAMIN, Walter. A obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica. In: **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**. Antropos, 1 vol. 7, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1992, p. 71-133.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Revista dos tribunais LTDA, 1990.

HANNERRZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. In: **Mana**. Rio de Janeiro: 3(1): 7-39, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 Ed, Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2006.

HERBETTA, Alexandre Ferraz. **Peles braiadas: modos de ser Kalankó**. Tese de Doutorado em – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, São Paulo, 2011.

MOREAU, Filipe Eduardo. **Os índios nas cartas de Nóbrega e Anchieta**. São Paulo: Annablume, 2003.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos índios Misturados, In: João Pacheco de Oliveira (org). **A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/ LACED, 2004. p. 13-38.

PEIXOTO, José Adelson Lopes. Do toré ao ouricuri: religião, tradição e cura entre os índios Xucuru-Kariri. In: **Educação e diversidades: um diálogo necessário na educação básica**/ Gilberto Geraldo Ferreira, Edson Hely Silva, José Ivamilson Silva Barbalho, (orgs.) – Maceió: EDUFAL, 2015. P273-293.

RIBEIRO, Darcy. **Falando de índios**. apresentação Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro; Brasília, DF: UnB, 2010.

SILVA JÚNIOR, Aldemir Barros da. **Aldeando Sentidos: Os Xucuru-Kariri e o Serviço de proteção aos índios no agreste Alagoano**. Mestrado em História – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

TEIXEIRA, Luana. **Patrimônio cultural e povos indígenas no Nordeste: reflexões sobre escavações de igaçabas em palmeira dos índios, Alagoas (1930-1990)**. São Paulo, Unesp, v. 10, n. 2, julho-dezembro, 2014. p. 107-124.